



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Artigo recebido até 15/01/2012
Aprovado até 15/02/2012

O MEMORÁVEL NA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUAS

*Soeli Maria Schreiber da Silva*¹
(UFSCar)
xoila@terra.com.br

Estudar o sentido significa estudá-lo na relação com a memória. Trato desse conceito em dois quadros metodológicos- o da Análise do Discurso e o da Semântica do Acontecimento, considerando o conceito de memória e memorável. Em (PÊCHEUX, O Discurso, Estrutura ou Acontecimento: 2002) e em (Guimarães, Interpretar, Língua e Acontecimento: 1999), o primeiro analisa o discurso como estrutura e como acontecimento a partir do enunciado “On a Gagné” (Ganhamos) que se refere à Vitória de François Mitterrand. Descreve e interpreta o contexto da atualidade e o espaço de memória no qual tal acontecimento começa a reorganizar-se - o do Socialismo Francês. Com isso Pêcheux vai mostrando que o confronto discursivo se dá bem antes da vitória em 10/5/81, no processo de tensão vitória e derrota e isso está inscrito nos enunciados, conforme a análise de Pêcheux, a novidade da vitória mantém a opacidade do acontecimento. O modo como vai se materializando a festa da vitória, a relação com a torcida de futebol cria um jogo metafórico que vem sobredeterminar o acontecimento e evidenciar sua equivocidade. É no estudo da metáfora que mostra a relação com outros enunciados e o grito de vitória. Vejamos a análise do enunciado “On a Gagné”:

“é profundamente opaco: sua materialidade léxico-sintática (um pronome “indefinido” em posição de sujeito, a marca temporal - aspecto de realizado,

¹ Professora na Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

o lexema verbal “gagner” (“ganhar”) a ausência de complementos) imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas - paráfrases, implicações, comentários, alusões etc- isto é, em uma série heterogênea de enunciados funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável” (PÊCHEUX, O Discurso, Estrutura ou Acontecimento: 2002, p. 23).

Há, então, uma rede de relações heterogêneas e com estabilidade variável, diz Pêcheux. É desse modo que Pêcheux interpreta “On a Gagné” e funde aqueles que acreditavam na memória e aqueles que não acreditavam. Aí o poder dá-se no confronto, mesmo com a vitória, no movimento espaço adquirido/espaço a conquistar- num confronto contínuo. O espaço de confronto parece estabilizado, mas funciona no equívoco. Nesse acontecimento, podemos ver que Pêcheux trata as questões discursivas por um procedimento de descrição/interpretação no processo discursivo na relação com a história – o que vem antes, o passado. No presente há a ruptura na qual o acontecimento vai reorganizar um espaço de memória que no exemplo dele é o socialismo Francês. Pelo equívoco o confronto discursivo prossegue através do acontecimento. É o depois na concepção de história de Pêcheux.

É interessante apontar aqui que (GUIMARÃES, 1999) em *Interpretar, Língua e Acontecimento* resenha o texto de Pêcheux em questão e considera três caminhos na análise: o da análise como descrição e interpretação pontuando o real específico da língua na interpretação e o fato de que para Pêcheux a língua está exposta ao equívoco. Aí de um enunciado é sempre possível o deslocamento discursivo para derivar outro, diz Guimarães.

Como consequência há a agitação das filiações sócio-históricas de identificação, um efeito e um deslocamento. Guimarães vai caracterizar o que se deve considerar na língua tomando a distinção de (ORLANDI: 1996) entre ordem e organização da língua. Na análise mostra como esses conceitos intervêm na relação real da língua/real da história. No mesmo artigo, Guimarães trata da enunciação, como o fez em (GUIMARÃES: 1995). Retoma a noção de interdiscurso e a mobiliza para estudar a enunciação. Considera que a língua na sua ordem



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

própria é movimentada pelo interdiscurso - são os efeitos do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento, efeitos de memórias, posições-sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento que vão constituir a análise enunciativa.

Nessa análise podemos observar Guimarães tratando do histórico como uma relação passado/presente. A memória vai ser mobilizada aí como interdiscurso organizado pelo esquecimento, pelo sentido já posto- o sentido de um antes. Aí temos uma posição discursiva funcionando. O conceito de interdiscurso da Análise do Discurso migrou para a Semântica do Acontecimento.

Vamos observar o modo como a temporalidade é tratada na Semântica do Acontecimento. Vejamos:

“considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua temporalidade: essa a sua diferença” (GUIMARÃES, Semântica do Acontecimento, 2002: 11-12).

Guimarães não trabalha com um conceito discursivo; trata do passado de maneira enunciativa e de acordo com o tempo do acontecimento. A questão é que o presente abre uma latência de futuro, uma projeção, um interpretável. Assim, “Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro” (GUIMARÃES, Semântica do Acontecimento, 2002:12). No conceito de memorável,

“presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro que, no acontecimento projeta sentido, significa porque o acontecimento



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

recorta um passado como memorável” (GUIMARÃES, *Semântica do Acontecimento*, 2002: 12).

Assim, a temporalidade constitui-se no acontecimento, no sentido de que o acontecimento tem memória que toma como passado dele; o acontecimento em si recorta o passado como se aquele fosse o passado do acontecimento. O memorável não é um conceito discursivo. Não se trata de um antes discursivo. É o passado pensado de maneira enunciativa e de acordo com o tempo do acontecimento.

Trata-se de um procedimento de análise da disciplina de Semântica do Acontecimento e o modo como é tratada a temporalidade no acontecimento de enunciação é específico. Interessa a memória que foi recortada e não a rede de enunciações de um antes. Exemplo disso é a análise do memorável e o excluído realizada por Guimarães na nomeação “Rua dos Trabalhadores” em Cosmópolis:

“No momento em que este nome é enunciado, ele toma os trabalhadores, enquanto conjunto, como memoráveis. Podemos dizer que o locutor-oficial – (locutor administrador), ao nomear os trabalhadores como conjunto, constitui uma temporalidade tal que nela se rememoram trabalhadores específicos que tenham tido participação na história do movimento dos trabalhadores. Ou seja, o acontecimento, ao constituir como lugar social do dizer o locutor-administrador e não o locutor cosmopolense, retira do memorável a história dos trabalhadores de Cosmópolis” (GUIMARÃES, *Semântica do Acontecimento*, 2002: 65-66).

Vamos nos ater agora à matéria de TV, entrevista com a índia Karipuna Ceci dos Santos, da Aldeia do Manga-Açaizal para trabalhar com o conceito de memorável e analisar a relação entre a língua Karipuna e a Língua Francesa. Na entrevista o locutor-jornalista pede à locutora-Karipuna que ela traduza algumas palavras da língua indígena, como casa, por



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

exemplo. E ela responde : “ Kais- casa; Manger- comida; Super- Jantar; Bonjour- bom dia; bonsoir- boa tarde;”(saliente-se que a tradução é minha).

Nesse recorte temos uma divisão entre de um lado Kais- casa, da língua Karipuna e Manger (comida); Super (Jantar) Bonjour- (Bom Dia) e Bonsoir (Boa Tarde). No texto resposta a locutora Karipuna, no momento em que as palavras são citadas, ela toma palavras da língua francesa como memoráveis. Podemos dizer que a locutora cita palavras diferentes da língua dela e que , portanto , está predicada por um lugar social de falante de língua francesa. Ao rememorar a língua francesa, constitui a temporalidade sem que se rememorem palavras da língua dela, ou seja o acontecimento ao constituir como lugar social do dizer a disparidade locutora-karipuna-entrevistada/locutora –francesa-entrevistada retira do memorável a história dos Karipuna do Oiapoque. A índia Karipuna fala do lugar social predicado por que fala outra língua; Enunciar a lista com palavras em francês significa o silenciamento (Orlandi, *As Formas do Silêncio*: 1997) da história dos Karipunas na região do Oiapoque. A língua dos Karipuna só está significada na citação do locutor – jornalista. Na enunciação-lista da locutora-karipuna-entrevistada não está significada a língua Karipuna, não há o memorável dessa língua. Trata-se de uma lista vazia de palavras da língua karipuna e, é claro, vazia da história dos Karipuna. A memória recortada é o memorável da Língua Francesa.

BIBLIOGRAFIA

GUIMARÃES, E Os Limites do Sentido, Campinas, Pontes, 1995.

_____. Interpretar Língua e Acontecimento. In: Revista Brasileira de Letras, v1,n1,UFSCar-DL, 1999 p19-23.

_____. Semântica do Acontecimento.Campinas, Pontes, 2002.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

ORLANDI, E. P. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos* 4 ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Interpretação*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* – tradução de Eni Orlandi. Campinas, Pontes, 2002.

Matéria de TV do Oiapoque.